

## O tamanho dos sonhos

---

*Lygia de Sousa Viégas*

Foi com interesse em conhecer moradores de um conjunto habitacional popular que pudessem contar sua experiência de moradia que fui apresentada à Fernanda, uma jovem de 21 anos, branca, que mora com a família em um dos 13.504 apartamentos da Cohab Presidente Castelo Branco, em Carapicuíba<sup>1</sup>.

A entrevista, que inicialmente seria com ela, contou com a presença marcante de Neide, sua mãe. Enquanto preparava o almoço, que logo seria servido a todos nós, Neide participava ativamente da conversa, certamente enriquecendo o relato da trajetória de moradia da família. De fato, essa entrevista, que durou quatro horas e meia, estendendo-se por toda a manhã, foi fruto de uma conversa entre nós três, na qual mãe e filha se complementavam e se contrapunham nos relatos das histórias vividas, tendo como ponto de partida o casamento de Neide e a inscrição na Cohab, em 1980.

Neide, 50 anos, nasceu em Caculé, pequena cidade do interior da Bahia, mas passou infância e adolescência em outras duas cidades baianas: Ourives e Malhada de Pedras, onde ficou até os 17 anos, com os pais e dez de seus catorze irmãos: “os outros nasciam e morriam, não passava de dois meses”. Sua mãe cuidava da casa e dos filhos, e também ajudava o marido; seu pai fazia “de tudo um pouco: era ferreiro, marceneiro, lavrador, mas gostava mesmo de ser celeiro”, trabalho feito de forma artesanal – do processo de curtir o couro à montagem das celas.

Na cidade natal, Neide ajudava o pai e estudava. Ao concluir o ensino fundamental, viu-se numa situação difícil: embora sonhasse em cursar o ensino médio, sua cidade não oferecia esse nível de estudo e desagrada ao pai que ela mudasse para outro município. Neide permaneceu com a família e, para não interromper os estudos, fez novamente os últimos anos do ensino fundamental, “mas não oficialmente”. Em troca, ajudava a professora, lembrada por ela com muito carinho.

---

<sup>1</sup> Com uma área de 2.450.356 metros quadrados, essa Cohab tem uma população estimada em 71.800 habitantes.

Assim viveu durante dois anos até que, com 17 anos, mudou-se com uma tia para São Paulo, carregando o sonho de cursar o ensino médio e fazer faculdade de jornalismo. Desde sua chegada em São Paulo, no entanto, Neide teve de rever seus projetos: “a história de qualquer pessoa que muda para São Paulo dá um livro, né?”.

Embora a tia tenha prometido que Neide ia estudar, a intenção era que ela trabalhasse como empregada. Neide, então, foi morar com o irmão mais velho e a esposa em Campinas, onde ficou durante um ano. Na época, iniciou o ensino médio, enquanto trabalhava como babá do filho de uma de suas professoras.

Com a separação do irmão, Neide viu-se obrigada a voltar para São Paulo, onde tentou dar sequência aos estudos ao mesmo tempo em que trabalhava, novamente como babá, mas de maneira mais árdua, pois tinha de se sustentar sozinha. Em pouco tempo, teve de interromper os estudos e voltar-se totalmente para o trabalho, agora em fábricas ou empresas, nas quais, embora tenha exercido várias funções, trabalhou principalmente como telefonista, recepcionista e auxiliar de escritório. Neide ainda iniciou o supletivo, mas afinal, viu-se obrigada a abandonar o sonho de estudar e se formar jornalista.

No início da vida “sozinha” em São Paulo, Neide experimentou várias formas de moradia, principalmente na casa de familiares, dividindo apartamentos com colegas ou em quartos de “pensão”. E foi numa dessas pensões que conheceu Jairo, paulistano “do Bixiga” e filho da proprietária, com quem veio a se casar quando tinha 29 anos, e ele, 32. Assim como Neide, também Jairo não concluiu o ensino médio.

Um mês após o casamento, o casal inscreveu-se num programa estadual de financiamento de apartamentos num conjunto residencial. Da inscrição à entrega, foram dois anos de espera, vividos com sacrifício para pagar aluguel. Em momentos de maiores dificuldades, contavam com a acolhida de parentes por algum tempo.

Em 1982, e já com dois filhos, Neide e a família foram convocadas para receber o apartamento, localizado na periferia de uma cidade da Grande São Paulo (apesar de ser um programa do Governo municipal da capital paulista). Neide descreve a decepção vivida ao “descer” no local pela primeira vez e deparar-se não apenas com um apartamento que era “só as paredes”, mas com um entorno também inacabado. Isso porque o local, ainda tomado pelo matagal, não tinha asfalto e iluminação pública, e era desprovido de todos os aparelhos públicos de atendimento à população, como creche, escola, transporte coletivo e hospital. Além disso, ficava

distante do comércio (mercado, farmácia, padaria, açougue) e da capital, onde Neide e Jairo geralmente conseguiam trabalho. Como consequência, grandes gastos com a locomoção familiar.

Assim, a família, após longa espera para ser atendida por uma política pública de habitação, viu-se com dificuldade em permanecer no local, especialmente pela péssima qualidade de vida oferecida. Mais ainda, o medo, a insegurança e a desconfiança sempre pautaram a relação com os moradores da Cohab. Tais sentimentos eram sobrelevados pelo fato de que o local, por muito tempo, não teve posto policial que pudesse garantir a segurança dos moradores, num local de frequentes situações de violência.

Desde a entrada no apartamento, deu-se início a uma difícil trajetória, marcada por constantes tentativas de sair do local, quase sempre para outras moradias também precárias, entrelaçadas a situações de desemprego e conflitos familiares. Neide tentou se separar do marido algumas vezes: ela e os filhos moraram em São Miguel Paulista, Santo André e Mauá, momentos em que, para pagar o aluguel, tinham de interromper o pagamento do apartamento, atrasando sua quitação. Nessa época, o apartamento chegou a ser “invadido”, situação que, relatam, acontece com certa frequência nas Cohabs.

Apesar das sucessivas tentativas de separação, Neide permaneceu casada com Jairo e teve mais uma filha com ele. Embora tenha mantido o casamento, ela carrega muitas mágoas dessa relação: “A minha convivência com ele foi difícil, porque eu achava que tudo que estava acontecendo era por causa da moleza dele”.

Em 1987, Neide, o marido e os três filhos voltaram definitivamente para o conjunto habitacional, mas permaneceram as dificuldades para se manterem no local. Neide e Fernanda fazem um retrato bastante detalhado do sofrimento diário da família para morar ali, distante de tudo e de todos.

Foram muitos os sacrifícios de todos, a começar pela luta para conseguir uma creche para as crianças. Também falaram do esforço para conciliar horários de fato inconciliáveis: o trabalho ou procura de emprego dos adultos com a escola ou creche das crianças. Não raro viam-se impossibilitados de se alimentarem ou permaneciam longos períodos fora de casa. Lembram, em meio a risos, suspiros e lágrimas, de quando trouxeram uma empregada da Bahia para cuidar das crianças, e de uma época em que Fernanda tinha de se esconder no trabalho da mãe, pois não tinha com quem ficar.

Diante dessa grande dificuldade, Fernanda e seus irmãos se viram obrigados a “crescer” mais cedo: desde os oito anos de idade, ela fica sozinha em casa, cuida dos irmãos, pega ônibus e anda pela cidade sem a companhia de adultos. Ao assumir essas responsabilidades, teve desrespeitados os seus direitos de criança.

Manteve-se a precariedade do “bairro”, manteve-se o medo em relação aos moradores do local, vistos como marginais, bandidos ou maloqueiros. Por esse motivo, Neide decidiu que sua família não deveria se “misturar” aos vizinhos: as crianças sempre estudaram em colégios distantes e não podiam estabelecer amizades no prédio, passando parte da infância trancadas e sozinhas no apartamento.

A enorme importância concedida por Fernanda à vida na escola onde estudou até concluir o ensino médio pode estar ligada ao fato de serem esses os seus momentos de liberdade. Outro fator também parece pesar: “A gente vê uma série de problemas, de complicação, moradia misturado com problema familiar..., de não ter dinheiro para fazer isso, não ter aquilo, ser difícil o colégio... Eu falei: ‘Não posso perder nenhuma oportunidade. Porque se é difícil conseguir..., é super fácil perder’. Então, eu não quero que aconteça comigo a mesma frustração que aconteceu com minha mãe... de mudar completamente a vida, os planos. Então eu tenho muito isso do estudo, sabe?”.

Na época da entrevista, havia alguns anos que Neide estava desempregada, realizando trabalhos temporários e se dedicando ao trabalho doméstico e à família, mantinha a expectativa de conseguir um emprego definitivo; seu marido, recentemente, conseguira um bico como vendedor de livros. Os três filhos estavam trabalhando: Fernanda, 21 anos, e Vinicius, 20 anos, como funcionários de um cursinho pré-vestibular popular; Carla, 17 anos, como garçonete em uma unidade de uma cadeia multinacional de lanchonetes. A renda familiar não totalizava 650 reais.

A entrevista com Neide e Fernanda foi realizada em setembro de 2002, no pequeno e muito bem cuidado apartamento da família, onde encontrei as portas mais do que abertas, com café e bolo para me receber. No decorrer de nosso encontro, ambas lamentaram reiteradas vezes que, pela distância, raramente recebem visitas.

Ao descrever o apartamento, Fernanda e Neide usam constantemente a ideia de que ele foi construído com um “padrão Cohab”, sendo esse padrão sinônimo de precariedade da presença do poder público na oferta e construção de habitação popular. Por esse motivo, o apartamento

passou por duas pequenas reformas, visando melhorar a distribuição do espaço e aparência do local.

O pequeno apartamento é dividido em pequeníssimos cômodos. Há apenas um quarto, onde dormem Neide e o marido. O maior cômodo seria a sala, mas ela é tomada, em grande parte, por um beliche (embaixo do qual fica um terceiro colchão), um armário de duas portas e uma pequena escrivaninha. Forma-se, assim, uma divisória da sala, que também serve de “quarto” para os três filhos. O pouco espaço que sobra da sala é ocupado com uma pequena mesa dobrável (só aberta no momento das refeições) e um sofá-cama, pois constantemente a família recebe hóspedes, geralmente parentes ou amigos nordestinos que vêm a São Paulo resolver problemas e contam com a acolhida de Neide. Há apenas um minúsculo banheiro, cuja porta foi trocada por um modelo sanfonado, para que pudesse ser aberta sem esbarrar no vaso sanitário. Também a cozinha é pequena e nela não cabem mais de duas pessoas ao mesmo tempo. Menor ainda é a área de serviço, cuja divisória com a cozinha foi derrubada, visando, ao menos, dar a sensação de mais espaço.

Além do apartamento, foi possível conhecer um pouco o conjunto habitacional como um todo e constatar o gigantismo do local, feito de inúmeros prédios agrupados em pequenos blocos pintados de cores diferentes. Não foi difícil me perder no local, mas foi fácil encontrar auxílio de vários moradores que passavam pelas ruas até que eu conseguisse chegar ao prédio indicado.

É marcante no relato de Neide e Fernanda a presença da solidariedade na vida familiar, revelada não apenas nos momentos em que foi fundamental contar com a ajuda alheia, mas também quando ofereceram apoio aos amigos e parentes que precisaram.

A distância entre a moradia e os locais de trabalho e estudo da família, aliada ao mal-estar em relação aos vizinhos, parece impulsionar o desejo que ainda nutrem de sair do local. O atual sonho de Neide é quitar o apartamento para vendê-lo, o que tornaria possível investir em outra moradia, mais próxima do local em que trabalham e das pessoas com quem convivem. A dura realidade, que tantas vezes frustrou seus desejos, no entanto, parece mesmo limitar o tamanho dos seus sonhos: “A gente tem que pôr o chapéu onde alcança o braço. Por enquanto nós podemos isso, então só vamos fazer o que podemos. (...) A gente tem que sonhar conforme pode. Não é assim: ‘Eu quero’”.

## Entrevista com duas moradoras de um conjunto habitacional da Cohab

---

*“O prédio inacabado, tudo inacabado”*  
*“O apartamento era só as paredes”*

– Vocês disseram que moraram em vários lugares até chegar aqui...

Neide – Nós morávamos na Avenida Nove de Julho, próximo da Praça 14 Bis<sup>2</sup>, onde os pobres moravam na época, né? Mas chegou uma hora que não dava mais para continuar lá, porque nós dois estávamos desempregados. O apartamento lá era grande, mas também era caro, não dava para continuar. E nós tínhamos feito a inscrição na Cohab logo que casamos. Eu me casei em setembro de 1980, em outubro fizemos a inscrição. Só que a nossa pressa era muito grande de receber logo esse apartamento pra amenizar as coisas, e não saía, não saía. Foi sair acho que quase dois anos depois. Aí, nós estávamos até despejados da Nove de Julho, porque na época tinha feito com depósito<sup>3</sup> e tinha vencido o prazo... O proprietário foi bom, segurou, mas chegou uma hora... passou três meses, aí a gente não tinha para onde ir.

Fernanda – (risos). O desespero, né, mãe?

Neide – A gente não tinha para onde ir e a Cohab não entregava o apartamento.

Fernanda – É como eu falei para você... Demorou um tempão, e aí, não lembro se foi época de eleição, que saiu rapidinho... Mas a pressão era tão grande para entregar os prédios que eles entregaram tudo pela metade. Não tinha asfalto, o prédio inacabado, tudo inacabado!

Neide – Mas foi... Um dia, na Nove de Julho, o homem chegou com tudo para jogar a gente para fora. Aí, eu fui com os meus dois filhos para a casa da minha tia no Brooklin. Tinham convocado a gente a comparecer na Cohab, mas só iam entregar a chave tal dia. Aí, fiquei uns dias dormindo numa sala desse tamanhinho na minha tia e meu marido ficou no Jabaquara, na casa do irmão... Quando meu cunhado, que mora em São

<sup>2</sup> Região central da cidade de São Paulo.

<sup>3</sup> Trata-se de uma forma de aluguel bastante comum entre as famílias mais pobres, que não têm fiador para alugar o apartamento. Assim, a família deve pagar alguns meses de aluguel adiantados – geralmente acima de três meses –, em forma de depósito na conta bancária do locador.

Miguel Paulista, ficou sabendo, veio buscar a gente... Minha tia não queria que eu fosse, mas ali estava apertado.. Aí, acabei indo ficar lá... Foi questão de pouco tempo, trinta e poucos dias, mas aquilo, para mim...

Fernanda – Fica marcado, né?

Neide – Nossa! Tudo muito triste, porque eu tinha uma casa, de repente não tinha mais... Daí, fiquei em São Miguel..., dentro da casa da minha irmã até sair a chave.

Fernanda – Eu lembro que era um lugar muito abafado...

Neide – O quarto onde a gente estava não tinha ventilação.

Fernanda – Então o cheiro... Podia passar desapercebido, afinal foram poucos dias, e eu só tinha dois anos, mas... Eu lembro direitinho o desespero da minha mãe... A gente via ela brava, chateada, e ficava quieto, não fazia nada, ficava só prestando atenção... (risos)

Neide – Eu era realmente brava. Hoje não... A gente sofre tanto que aprende a se controlar. Você passa por tantas situações, não vamos dizer sofrimento, porque sofrer é ficar de cama, doente, nos últimos dias de vida. Isso é sofrer... Passávamos momentos muito difíceis e eu não queria, não compreendia. ... Mas o pior foi quando chegamos na Cohab. Quando cheguei aqui, Lygia, eu chorei tanto... Esperneei tanto... Nossa! Não esperava encontrar o apartamento daquele jeito. Porque quando fomos convidados para visitar, nós vimos um apartamento acabadinho, sabe? Eles pensaram em tudo: “Vamos mostrar um acabado”...

– *Isso na época da inscrição?*

Neide – Não, a inscrição já estava completando dois anos. Isso foi quando avisaram que iríamos receber o apartamento, aí mostraram um bonitinho... Aí meu marido veio com caminhão, despejou as coisas no meio da casa e foi me buscar em São Miguel. Quando cheguei aqui, o apartamento ainda estava com terra... O apartamento era só as paredes. Não tinha nada! Entendeu? Eu entrei em desespero! Comecei a chorar... E quando eu comecei a mexer nas minhas coisas, não achava nada! Porque meu marido guardou as coisas na transportadora que ele trabalhava, só que remexeram tudo, roubaram livros, relógios, rádio, quadros, cobertores, roupas, muita coisa. Eu entrei em pânico e falei: “Não vou ficar aqui, não quero!”. Mas eu chorei tanto, acho que fiquei uns seis meses chorando de desespero, porque eu não queria ficar aqui. Pelas condições, as coisas, tudo revirado... Eu queria lavar a casa e não podia porque as caixas esta-

vam no chão, não podia montar os móveis porque estava tudo sujo, cheio de cimento ainda (choraminga). Foi muito triste. Eu nem gosto de lembrar... Uma decepção, né? Para quem morava na Nove de Julho, vir aqui... E outra: no dia que nós descemos aqui, era pura lama. Tinha chovido, não tinha asfalto, era pura lama!

Fernanda – Até por essa situação, de chegar aqui... O interno [o apartamento] e o externo [o condomínio e o bairro, de maneira geral] não estavam bons, tudo isso influí, né?

Neide – E era terra vermelha... Nossa, aquilo tudo me deixou muito triste, muito deprimida! Para mim, todo mundo era gente ruim e eu não conseguia, como até hoje não consigo, fazer amizade aqui. Não consigo. Só com os mais antigos, que vieram para cá na mesma época, que a gente ainda conversa e tem uma certa amizade. Mas não de entrar na nossa casa.

*– Porque vocês foram a primeira turma de pessoas a chegar aqui...*

Neide – Os primeiros. Primeiríssimos... Daí, foram chegando as pessoas, os marginais e a situação foi ficando... cheia. E muita briga e... aquela confusão. Mulher saía com faca para matar outra..., bandido, vagabundo que atirava por aí com revólver. Nossa! Aquilo tudo fazia eu pensar: “Eu não vou ficar aqui, não vou”. Chegou uma hora que de tanto eu pensar, eu realmente fui. Peguei meus filhos e voltei para São Miguel...

*– Para a casa da sua irmã?*

Neide – Não, já numa outra situação: eu me separando do meu marido, não queria mais viver com ele. Aí, aluguei uma casa em frente à casa da minha irmã...

*– Então ele ficou aqui?*

Neide – Ele ficou. Só que quando ele se viu aqui dentro sem a gente, ele foi na esquina e falou para o primeiro que estava precisando de moradia: “Fica no meu apartamento que eu estou mudando para São Miguel”. Mas ele não falou que eu tinha acabado de largar ele, não falou a verdade. Aí, ele entregou sem papel, sem contrato, nada. Nessa nós quase ficamos sem o apartamento... O rapaz ficou aqui três anos, e nem entregava os carnês para a gente pagar e nem pagava, nem aluguel, nem condomínio, nada.

Fernanda – Ou seja, isso fez com que atrasasse a história do apartamento.

*– Porque, para morar aqui na Cohab, vocês têm que pagar o apartamento...*

Neide – Tem que pagar em 25 anos. Agora, estamos quase em processo de quitação. Só não fez ainda por causa da própria Cohab: o dinheiro está no banco, mas ainda não mandaram para a Caixa o documento para sacar. Desde junho do ano passado nós não pagamos mais. Foi feito um acerto para a gente pagar o saldo devedor com o Fundo de Garantia. O Governo fez uma campanha... Está em processo ainda, né? É chamada Nova Ação. Porque toda essa história de ir e vir, nós ficamos com um saldo devedor de 18 mil, aí tivemos que fazer um refinanciamento e ir pagando. Sempre um pouquinho mais. Nós fizemos duas vezes o refinanciamento. Cada vez que ficava desempregado, tinha de ir lá e refinanciar.

Fernanda – Tinha que refinanciar...

Neide – E esse refinanciamento fazia com que subisse o valor da prestação.

Fernanda – Tem gente que paga mensalidade de 25 reais, uma maravilha... Porque pagou em dia, não teve problema. Então, com o financiamento ok, a mensalidade é mais tranquila.

Neide – É para pagar em 25 anos. O nosso foi jogado para 27. Por quê? Cada caso é um caso. Nós refinanciamos duas vezes, então foi para 27 anos. Mas, na verdade, eu acho que durante esses 22 anos aqui nós já pagamos muito bem por esse pequeno apartamento!

Fernanda – A Cohab dá muito trabalho para eles. É muita gente inadimplente, então atrapalha... E são muitos anos também... O pessoal tem dificuldade de pagar em 25 anos... E vai aumentando. Tem muita gente que refinancia, sempre tem problema, é complicado. Então, para acabar com isso, tirar aquela responsabilidade do Estado: “Vamosuitar” [ou seja, a Cohab facilita o pagamento para as famílias].

Neide – E se estivermos com o IPTU em dia – que eu não estou, mas vou pagar até o final do ano – nós vamos entrar no programa da isenção de escritura. Porque uma escritura, atualmente, se você for no cartório, vai sair de mil reais para cima. Então, estão isentando esse valor e nós vamos pagar só 130. Tem pessoas que já estão recebendo... Eu estive na Cohab faz duas semanas e disseram que meu processo vai ser chamado em janeiro de 2003. Só que, para isso, eu tenho que estar com o IPTU pago, né? Então, é o que eu vou fazer: pagar os quatro anos que está em débito. Aí, a escritura vai ter um valor que qualquer pobre pode pagar. Mesmo quem recebe uma aposentadoria de 200 reais vai ter que pagar esses 130. Mas o pessoal daqui debaixo, muitos nunca pagaram...

Fernanda – Você vê: Carapicuíba é uma cidade dormitório. Então, um pouco mais da metade, se não me engano, é só de prédios da Cohab. Muito grande... Dá até medo de se perder. Os prédios muito iguais. Então, são muitas pessoas com *n* situações.

Neide – É, cada caso é um caso, como a moça falou na chamada da escritura. Agora, no nosso caso, eu quero pagar o IPTU, para entrar no programa da isenção de valores, que eu preciso fazer negócio com esse apartamento. Aqui é muito pequeno, o espaço está limitado.

– *Então, você assina, o apartamento passa a ser seu, aí você pode vender ou trocar...*

Neide – Olha, mesmo sem ser meu eu posso. Nós já achamos negócio para fazer, mas eu nunca quis, porque sempre pensei: “Quero quitar o apartamento e fazer um negócio legal”...

Fernanda – Porque desvaloriza muito...

Neide – Tem gente que vendeu o apartamento por nove mil reais, porque estava com dívida na Cohab..., entendeu? Com nove mil vai comprar outro onde? Só se for um casebre no meio do mato... E o que eu quero é... Minha filha pensa: “Quero morar no Butantã”. Eu também quero! Eu já morei no centro da cidade... Faltava leite, eu ia buscar, andava sem medo, dez horas da noite. Quem não deseja uma coisa dessas? Todos desejamos! Eu sei o quanto é bom! Só que a gente tem que pôr o chapéu onde alcança o braço. Por enquanto nós podemos isso, então só vamos fazer o que podemos. Eu quero um apartamento maior, depois do maior eu vou pensar numa outra coisa. Lógico que eles trabalhando, formados, aí a gente pode ganhar melhor e fazer uma reserva para comprar uma casa onde eles desejam. Mas, por enquanto, a gente tem que sonhar conforme pode. Não é assim: “Eu quero”. Oh, meu Deus! Eu já desejei tanto morar no Butantã, quando eu carregava eles três dormindo no colo, nas costas ou nas pernas. Nós andávamos até um bom pedaço para conseguir ônibus. Nós trabalhávamos em São Paulo e tinha que carregar eles... Eu carregava os três no ônibus, ninguém dava lugar. Eu fechava o olho e pensava: “Se eu tivesse um barraço embaixo de qualquer viaduto no Centro, no Butantã, não precisava vir embora para cá”... Eu chegava aqui dez e meia da noite. Aí, começava a dar banho neles, quando tirava o último do banho, os outros já tinham dormido, eu não conseguia dar comida. Eu fazia mamadeira para alimentar os três, para quatro e meia da madrugada do dia seguinte estar de pé com eles.

Fernanda – Porque só tinha uma linha de ônibus, e era de uma em uma hora... Se você não pegasse o primeiro, quatro e meia, chegava atrasado, porque era só cinco e meia. Aí era complicado! E outra: o ônibus não era aqui na porta. Era bem longe...

Neide – No início foi difícil, muito difícil, porque eu tinha que sair para procurar emprego e não tinha onde deixar as crianças. Então, foi tudo muito difícil. Nessa época, meu marido estava trabalhando, ele andava toda parte de matagal, trilha mesmo, para tomar o ônibus.

Fernanda – Porque aqui era muito mato, o final da nossa rua ainda tem vestígios desse matagal. E ele passava por lá, já pensou? É meio assustador viver num lugar que não tem rua e... você tem que passar por lugares que não conhece... É meio complicado...

Neide – O início aqui foi muito difícil mesmo, principalmente porque nós estávamos desempregados. Aí, ele conseguiu um emprego no Shopping Eldorado, ficou um tempo lá, depois saiu... Foi para uma coisa melhor, depois ficou desempregado de novo, e assim até que ele foi trabalhar na USP, com um salário desse tamanhinho, passando necessidade. E eu queria arrumar emprego e não conseguia, porque tinha os filhos... Aí, com muito custo, coloquei eles na creche do Serviço Social de Carapicuíba. Meu filho com uns sete meses, e ela já tinha dois anos. Um dia eu cheguei e peguei ele rolando no chão, sem roupa, no cimento puro, queimando de febre. Fui direto para o Pronto-Socorro de Carapicuíba – suspeita de brônquio-pneumonia. No outro dia, pego a professora batendo nela no corredor. Na hora tirei os dois de lá! Ficou um mês e pouco, quase dois meses lá, e eu fiquei de novo sem lugar para pôr...

Fernanda – Não tinha [creche] aqui... Essa creche era distante, em outro bairro. Até chegar creche aqui... Então, a complicação de deixar uma criança em um lugar que não tinha estrutura...

Neide – Não tinha nada, Lygia, nada! Não tinha farmácia, não tinha padaria, não tinha açougue, nada! Tudo o que você precisava, tinha que ir até o centro... Ou em Osasco. A creche ficava longe. E eu ia a pé porque não tinha dinheiro para a condução.

Fernanda – Não tinha como...

Neide – Eu ia a pé com ela chorando atrás de mim, e ele amarrado no meu peito, porque ele era pesado demais e eu não conseguia carregar no braço. Aí, ele ficou doente e acabou complicando tudo, porque eu fiquei correndo

para o hospital muitos dias. Era para ficar internado, mas eu não deixei, assinei um termo de responsabilidade. Aí, eu ia levar para fazer inalação duas vezes ao dia, sabe? Ia e voltava a pé!

– *Na hora que chegava, já estava na hora de ir de novo...*

Neide – Exatamente. Morta de cansada! Com a coluna toda estropiada. Eu não conseguia nem me mexer. A situação ficou super complicada. Eu só pensava: “Não aguento ficar aqui...” (choraminga) Aí, eu trouxe uma empregada da Bahia, que também maltratava meus filhos. Ela ficou três meses, mas aprontou tudo o que tinha que aprontar. Até dinheiro... E eu não tinha conseguido emprego, todo dia eu saía, mas não conseguia. Aí, no terceiro mês, eu falei: “Vou pagar ela e vou ficar sozinha”. Daí, fui me virar sozinha. Meu marido já estava na USP, e eu fui correr atrás da creche da USP. Eles ficaram esperando ainda... E eu, nessa volta, fiquei grávida pela terceira vez, quando eu estava em São Miguel Paulista...

Fernanda – Eu gostava pra caramba de lá. É uma pena ter saído de lá...

Neide – Não dava, não dava... Porque o meu cunhado já não estava mais legal comigo, porque eu tinha me separado e eles eram contra...

*“Eu queria ir embora, eu queria sair daqui”*

– *E vocês ficaram quanto tempo em São Miguel?*

Neide – Dois anos... Antes de ir, eu dei um monte de reviravolta! O meu irmão que eu amava estava com leucemia, não durou 30 dias. Ele sempre vinha me ver e me dava muita força. Aí eu fiquei muito decepcionada, me senti sozinha no mundo, sabe? (silêncio) Fiquei uns três meses sem me alimentar, eu não aceitava. A Fernanda estava com três anos e o Vinícius, com um aninho. A gente ainda estava morando aqui. E o meu marido não me dava atenção, mas ficava no bar do que com a gente. Quando eu perdi meu irmão e vi que não ia ter mais ninguém para me visitar, eu entrei em desespero! Eu perdi a vontade de tudo.

Fernanda – Só ele veio aqui realmente, né, mãe? É muito difícil a gente receber visita...

Neide – Então, eu queria ir embora, eu queria sair daqui, eu queria... Sabe? Aí, foi quando eu fui embora para São Miguel, porque eu falei: “Eu não vou aguentar ficar aqui sozinha”.

Fernanda – Aquela coisa: já que a família não vem, eu vou à família, né? (risos)

Neide – Eu não quis mais voltar para cá. Arrumei realmente um emprego bom, estava ganhando bem, aí falei: “Vou alugar uma casa lá e deixo meu marido no apartamento”. Mas, lá, eu fiquei grávida. Quando a neném nasceu, ele não foi me buscar no hospital. Aí, pronto! Não queria mais ele de jeito nenhum... Eu estava trabalhando, e só pensava: “Eu vou sumir e ele nunca mais vai me ver!” E fui pensando, martelando. Quando foi um dia, eu encontrei uma ex-amiga de pensão e contei tudo, aí ela falou: “Larga ele e vem morar comigo”. Primeiro eu fui ver se tinha espaço na casa. Era muito boa, mas antiga... Aí, em menos de uma semana eu arrumei a mudança, botei tudo no caminhão e fui morar em Santo André, com os três filhos e essa amiga. E ele não sabia. Larguei só uma cama com as coisas dele e fui embora. Mas minha irmã e meu cunhado, como já estavam contra mim, mesmo vendo que ele estava aprontando, deram o endereço para ele. (pausa) Quando ele apareceu, fazia uns três meses que eu estava lá. A princípio, me deu um ódio tão grande, se eu pudesse estraçalhava ele... Só que quando eu vi a alegria das crianças, que pularam nesse pai... Sabe quando você tem ódio misturado com dó e pena... e compaixão? Aquilo me doeu por dentro, começou a corroer, e eu pensava: “Eu não posso separar os meus filhos do pai”. Eu dei mais uma chance. Daí, ele alugou um quarto e cozinha em Mauá, me levou para mais longe ainda...

– *E esse apartamento aqui na mão dessas outras pessoas...*

Fernanda – Exatamente...

Neide – E eu querendo voltar [para o apartamento da Cohab] e não conseguia... Daí, nós fomos para esse quarto e cozinha. E uma prima da Bahia, que tinha vindo alguns meses antes morar comigo e a minha amiga, foi também. Nesse quarto e cozinha, era muito apertadinho, e foi junto.

Fernanda – A gente ainda não estava na creche da USP. Tinha feito o pedido, mas demorou para sair. Eu só fui para a creche quando a coisa já estava mais estabilizada, a gente aqui...

Neide – Demorou acho que dois anos para sair o chamado deles.

Fernanda – É, demorou muito. E enquanto isso, estava rolando tudo isso. A gente não estava aqui, estava em vários lugares, não tinha lugar para ficar.

Neide – Daí, em Mauá, ele me traz a mãe dele para ficar conosco dentro de um quarto e cozinha. Nossa! Foi outra situação! Porque a minha sogra não fazia nada sozinha, eu tinha que ajudar. Ela teve dois derrames, estava com o lado direito paralisado... Aí, pronto! Acabou a minha esperança de

arrumar emprego. Eu fiquei revoltada de novo, porque eu dei uma chance para ele e ele levou a mãe, e eu não tinha condições de cuidar dela.

Fernanda – É, mas é filho, né? Não tem essa... Vê a mãe passando...

Neide – Ou seja, ficou nesse quartinho eu, ele, minha prima, os três e minha sogra. Sete pessoas. Em um quarto menor que esse! Tudo menor! Um banheiro que não dava nem para entrar direito. Tinha que dormir todo mundo junto. Minha prima e minha sogra dormiam num beliche, o Vinícius no berço, a Carla num cestinho e a Fernanda no meio da gente. Era uma mistura só. E eu querendo voltar para o apartamento e o homem não entregava. Aí, num determinado dia, eu me irritei, vim aqui e falei: “Eu vou chamar a polícia”...

Fernanda – Porque o meu pai é muito lerdo! (risos) Aí eles ficavam enrolando ele, entendeu? Agora, com a minha mãe, não. (risos)

Neide – Ficou três anos. Aí, vim resolver. O homem falou: “Eu não vou sair”. Eu falei: “Vai, porque eu estou na minha casa e não na sua. Aqui, mando eu, eu que tenho direito! Você está pagando? Cadê os carnês?”. Eu já tinha ido na Cohab e visto o valor da dívida! Aí ele viu que eu não estava brincando. Eu falei: “Até seis da tarde eu quero a chave do apartamento na minha mão. Senão, eu chamo a polícia”. Aí, ele deu um jeito, invadiu um lá embaixo.

Fernanda – Porque acontecia muito na Cohab: tinha muito apartamento que ficava vazio. As pessoas tinham o apartamento, mas não vinham morar. Então, quem não tinha moradia, invadia mesmo e ficava morando. Observava que estava vazio e entrava. E é fácil... Antes era muito fácil. (pausa) Você vê umas pessoas meio estranhas, sente que não é morador!

*– E como é que eles invadiam?*

Fernanda – Arrombavam mesmo, eles chegavam e arrombavam...

Neide – Arrombaram o nosso... Entraram pelo vitrô... Tiraram o miolo da fechadura e entraram. Lá em Mauá eu sonhei com uns bandidos invadindo o apartamento, aí, quando meu marido veio – eu me arrepi de lembrar –, a porta estava escorada por dentro, com um buraco no miolo... E o apartamento cheio de caixas. Na hora que ele viu que estava realmente invadido, falou: “Aquela mulher é uma feiticeira, ela sonhou e realmente aconteceu”.

Fernanda – Inclusive até hoje ela sonha e as coisas acontecem...

Neide – Pois é, mas eu não consigo sonhar com a loteria... (risos) Isso porque, no dia que eu botei o homem para fora, nós lavamos, deixamos...

– *Deixa eu ver se eu entendi... Tinha um pessoal morando aqui, vocês botaram para fora e antes de vocês virem, teve essa invasão.*

– Exatamente. Porque eu tinha contratado meu cunhado para dar uma reformadinho, pelo menos pintar, para eu voltar para cá com mais amor, né?

– *Foi questão de quanto tempo entre um sair e outro entrar?*

Neide – Uma semana!

Fernanda – Na Cohab é fácil, por isso tinha que tomar cuidado em relação à invasão...

Neide – Quando meu marido chegou, chamou meu sogro e os dois enfrentaram a turma... Aí, jogaram tudo na escada... e ele não saiu mais daqui. Arrumou um colchonete e ficou dormindo aqui, por uns quinze dias, sozinho, enquanto a gente continuava lá. Aí o meu cunhado veio e começou a fazer uma arrumada nas paredes, e tal, mas eu falei: “Eu não vou esperar! Porque se o meu marido se afastar de lá, vão tomar conta de novo. Encerra isso aí, faz a pintura só, o mais rápido possível porque eu quero vir”. Aí, a gente voltou para o Cohab, foi quando chamaram as crianças na creche... Olha quanta volta nós demos: dois anos em São Miguel, cinco meses em Santo André, seis meses em Mauá, depois voltamos para cá.

*“Aí, a gente veio para não sair mais”*

Fernanda – Aí, a gente veio mesmo para não sair mais. Eu tinha 6 anos na época. Logo depois a gente foi para creche... Aí, entrava às sete da manhã e ficava até sete da noite. E meu pai ia buscar... Eu fui primeiro, depois a minha irmã. O meu irmão não conseguiu... E como minha mãe começou a trabalhar, não podia cuidar dele, aí mandou ele para a Bahia! Ele ficou uns meses lá, até ela conseguir reestruturar aqui... Aí ficou beleza para os três! Era para eu ficar um ano na creche, mas fiquei um pouquinho mais, porque só podia entrar no colégio com sete anos completos, e eu faço aniversário em agosto... Não devia, aliás, o pessoal não deixava mesmo, mas minha mãe: “Por favor, deixa...”

– *Demorou mais tempo para ser chamada do que dentro da creche, né?*

Fernanda – Exatamente. Fiquei um ano e meio lá, e com sete anos completos, pude ir para o colégio. Mas, na época de creche, era assim: a gente saía daqui de madrugada, era um tempo realmente super difícil para ir até

a cidade, porque não tinha ônibus, tinha que andar, era complicado! E o meu pai ficava chateado porque ele também entrava às sete da manhã, e o pessoal não aceitava atraso. E para ir trabalhar, ele tinha que deixar a gente. Então ele saía correndo, vinha correndo, ia correndo. E a gente rapidinho... Tanto que a gente sempre chegava seis e meia e ficava lá sozinha esperando abrir a creche porque ele não podia atrasar.

Neide – Aí eu arrumei um emprego... Só que eu trabalhava meio período e tinha que ir de manhã cedo e ficar até uma hora da tarde na rua, porque eu não podia voltar para casa, o dinheiro não dava... Ficava até eles saírem da escola, e eles eram muito pequeninhos, não podiam vir embora sozinhos. Aí eu pegava eles, saía correndo, ia até o trabalho do meu marido, deixava eles lá... E voltava correndo para entrar no serviço a uma da tarde. Eu não almoçava, não comia... Fiquei um bom tempo sem comer, Lygia.

Fernanda – Tanto essa correria dela, tem uma hora que você não aguenta. Porque realmente o tempo não dava e era muita canseira. Aí, quando eu entrei no segundo ano, falei: “Não dá mais para continuar essa loucura”. E a partir disso, eu comecei a andar sozinha, a me virar... Eu morria de medo. Nossa... A primeira vez que eu andei sozinha... Com meus irmãos...

Neide – Os motoristas olhavam para mim. Eu botava no ônibus e falava: “Deus, leva...”

Fernanda – Aí, a minha mãe falava direitinho: “É assim que tem que fazer, não fale com ninguém”... Aí eu comecei a me virar... Eu estava com oito anos. A minha irmã estava na creche ainda, eu saía do colégio, ia para a USP ficar com o meu pai até ele sair. Porque a minha mãe ainda estava com receio de eu ir embora sozinha para casa... Aí eu ia com ele até a creche pegar minha irmã, a gente só chegava aqui nove e meia da noite. Era sempre assim. Todo dia, todo dia. Aí meu irmão foi pro meu colégio. Só que o horário era diferente... Então, eu comecei a ficar responsável por tirar ele do colégio... Eu ficava esperando, sempre sem comer. O problema é que a gente nunca se alimentava. (risos)

Neide – Teve uma época em que eu tinha que esconder ela numa salinha do meu trabalho.

Fernanda – É, exatamente... Do sistema de computadores. Eu ficava no meio das máquinas, só ouvindo *tuc, tuc*, direto. (risos) Eu ficava escondida mesmo... Quase todo dia... Eu gostava de lá, queria aprender o que era... Eu fazia lição, estudava... E tinha horas que eu ficava muito chateada porque não tinha com quem conversar, né?

Neide – Um dia meu chefe pegou ela... Ainda bem que ele era bom! “Mas o que faz essa menina linda aqui dentro?” (risos) Eu pensei: “Ai, meu Deus, é agora que eu vou para a rua”. E falei: “É a minha filha”. Aí, contei a história para ele, e ele ficou compadecido da minha situação... Aí, ela passou a comer comigo. Mas ela ficava sozinha por muito tempo...

Fernanda – O que me marcou é que eu ficava muitas horas sem comer, entendeu?

Neide – Eu também só comia uma vez no dia, quando chegava em casa. E às vezes eu ficava num estado de cansaço que não tinha mais vontade de comer.

Fernanda – Era complicadíssimo... Aí eu comecei a pegar o meu irmão. Eu saía antes dele, tinha que esperar. Aí vinha para casa e trancava. Minha mãe morria de medo... “Você tranca a porta, não abre para ninguém, não faz barulho...” Eu nem sabia esquentar a comida... Eu tinha medo do fogo... Então, comia comida fria, me virava com o que tinha, e ficava aqui quietinha. Há muito tempo atrás, ninguém sabia que a minha mãe tinha filho... Porque a gente não fazia barulho, não saía para brincar com criança, a gente não tinha essas coisas...

– *Você tinha dito que não teve muita convivência com os moradores daqui...*

Neide – Graças a Deus. Eu não reclamo e eles também não devem reclamar... Porque da época deles, uns tantos viraram bandido, morreram... Outros nem sabem por onde andam...

Fernanda – Não sabem o que querem da vida... (risos)

Neide – Então, Graças a Deus não tiveram contato, e eu não deixava mesmo... Porque se eu tivesse largado eles nas mãos da turma aí, não seriam o que são hoje. Graças a Deus, eles nunca deram nenhum tipo de problema. Não tenho nada que reclamar, nunca fizeram nada de mal feito, nem se envolveram com nenhum tipo de coisa errada, nenhuma amizade... Porque amizade ruim influencia. E soltos do jeito que as mães criam os filhos aqui...

Fernanda – É, até por essa história do início da Cohab, de vir bandido, muita gente que... Sei lá, maloqueiro, mesmo. O que acontece? A nossa geração... gerou pessoas marginalizadas, porque não tinham uma estrutura forte e ficaram... desestruturadas! Realmente complicado. Agora assim, não é bandido, é maloqueiro, que não quer nada da vida, não quer pensar em estudar, trabalhar, só fica brincando... É mais uma malandragem sem

noção, né? Sem ruindade, vamos dizer, mas malandro. Mas também tem um pessoal que é realmente barra pesada. Então... até por ela ver tudo isso, de chegar aqui e acontecer todas essas coisas, causam o impacto... Então, é melhor ficar trancado!

Neide – Eu até hoje sou lembrada como a única mãe que conseguiu criar três filhos dentro de um apartamento desse tamanho... Sem sair para rua, sem ninguém saber que eu tinha filhos. Porque o resto, todos... iam para escola quando queriam, tiveram muitas brigas, arranca-rabos. Então eu trancava... Nenhuma chave, nada. Deixava frutas e a comida gelada na mesa, eles comiam, brincavam, e eu ia e voltava e, Graças a Deus, nunca aconteceu nada.

Fernanda – Até por ficar trancada, não sair, a gente nunca teve brinadeiras expansivas! (risos) “Eu estou trancada, estou calada, estou aqui, não pode fazer muito barulho porque”... Ela falava bem para botar medo: “Vai aparecer alguém ruim e levar vocês... Então, fiquem quietinhos, não façam barulho”. E a gente não fazia. Nem abria a porta...

Neide – Eles nem iam na janela. As brincadeiras eram assim: eu jogava tudo no meio da sala... Eles colocavam cadeira de ponta-cabeça... Eles tinham liberdade de fazer tudo...

Fernanda – Desde que fosse dentro de casa...

Neide – E no chão. Não podia subir nos móveis para não cair! Então, eles foram crescendo sabendo disso. Eles faziam cabana, botavam um lençol em cima da mesa e iam lá dentro...

Fernanda – A gente tinha muito brinquedo de montar... Eu adorava fazer cidade. Eu fazia a cidade dentro da casa. Construía... Nossa! O dia inteiro. Não ia para a janela, ficava no chão. Só nós três e acabou. Fomos crescendo assim. É claro que tem uma época que você fica ansioso... O pessoal fazia muito barulho! Tinha muito mais criança na época.

Neide – Muita briga de mulheres...

Fernanda – Muita briga... Por causa das crianças, o pessoal deixava muito solto, então vivia acontecendo briga de criança e as mães brigavam também... (risos) A gente achava muito estranho, o pessoal brigando... Nunca aconteceu com a gente, até porque a gente ficava dentro de casa. ... Eu adorava ir para o colégio. Aliás, eu adoro. Eu sempre gostei muito...

*– Por que também foi um lugar onde você fez amigos...*

Fernanda – É. E lá não era fechado! Aquela coisa que parece prisão, você fica desesperado para sair. Era um colégio muito aberto, muita árvore e muita ventilação, salas grandes, altas, janelas grandes, enorme. Então, eu adorava. Ficava lá mesmo. Tanto que nos últimos anos eu não queria sair! (risos) Eu fazia de tudo para ficar no colégio.

– *E os seus colegas do colégio, moravam lá perto?*

Fernanda – Lá perto. Isso era o que mais chateava. Porque nunca ninguém vinha na minha casa, que era muito distante. Eu fui na casa das minhas amigas, mas nunca ninguém pôde vir aqui. E no colégio, todo mundo morava perto... Então, eu conheci o bairro mesmo. O bairro era a minha casinha, era a minha segunda casa. Eu ficava lá, os amigos eram sempre de lá, todos. Tanto que o pessoal falava: “Onde você mora?” Eu dizia: “Em... outro bairro”. E todo mundo falava: “Ela mora no fim do mundo, em Carapicuíba”.

– *Você tinha vergonha de morar aqui?*

Fernanda – Não. Nunca tive, eu só ficava... Não, nunca... É que o pessoal se assustava toda vez que eu falava onde morava: “Nossa! Por que você mora tão longe e vem para outro bairro?” (pausa) Mas é que demorou a desenvolver as primeiras coisas aqui no bairro: creche, pronto-socorro e colégio. Só em 1990, 1991. Demorou muito. E também essa coisa da minha mãe de: “Aqui não é legal”... Para não ter muito contato com o pessoal daqui. Se esse pessoal não é legal, então é melhor não ir nesse colégio. Aí, a gente foi para lá.

Neide – Mas teve uma época em que nós ficamos sem emprego, aí tive que tirar a Carla da escola de lá e trazer para cá. Foi um ano perdido...

Fernanda – Porque não tinha dinheiro para a condução de todo mundo. A gente não podia... Estava tão difícil... Porque estudar lá sempre foi caro, mesmo com passe escolar. Então... Nossa, me dói o coração... A gente passou a ir para o colégio dia sim, dia não: “Se eu vou, você não vai, se você vai, eu não vou”. Aí, a Carla foi escolhida para sair do colégio e vir para Carapicuíba. Ela não gostou, não queria. Foi chato, mas todo mundo desempregado... (risos)

“*Era padrão Cohab*”

– *Vocês disseram que quando vieram para cá, o apartamento estava incompleto. Aí, vocês iam reformar, só que com a invasão não deu... Mas o apartamento foi reformado...*

Neide – Só consegui agora, Lygia.

– *Só teve essa reforma?*

Neide – Não, teve duas. A primeira改革 aconteceu em 96...

Fernanda – Eu lembro que foi na época em que uma prima que estava correndo risco de vida teve que vir para São Paulo fazer um tratamento de três meses. E aí ficou com a gente. Bem na época que tinha semi-reforma, então a gente falava: “Está um pouco bonita a casa”.

Neide – Eu interrompi a reforma porque essa prima estava com problema e não podia ter pó... Interrompemos a reforma no quarto... Foi só o quarto e o banheiro...

– *E vocês continuaram morando aqui enquanto a reforma acontecia?*

Fernanda – Exatamente. Nossa, foi... violento... (risos)

Neide – Foram uns 30 dias. Depois, eu interrompi, a menina veio para cá e também o dinheiro acabou... E a gente ficou sem condição.

Fernanda – Antes dessa reforma, a gente ficou bastante tempo com o apartamento do jeito que veio, sem fazer reforma nenhuma. Não dava, não tinha condições. Aí, fez essa reforma. O dinheiro acabou, a nossa prima veio, aí nunca mais, até agora, em janeiro.

– *E aí vocês fizeram o quê? Vocês trocaram o piso...*

Fernanda – É, só foi o piso. O piso...

Neide – O quarto continua do mesmo jeito, desde a outra reforma...

– *As portas já eram sanfonadas?*

Fernanda – Não, não! A gente colocou... Era tudo porta de Cohab... Que é uma folha de compensado bem fininha... A porta do banheiro parava no vaso, não abria! Porque o espaço era muito pequeno, então a porta atrapalhava.

– *E como era o quarto?*

Fernanda – Era parede rústica. Totalmente, não tinha nada. Era parede chamuscada, sabe?

Neide – Você via os blocos, era parede crua. Aí, eu passei massa corrida...

Fernanda – A iluminação não era central... O modelo da Cohab eram todos os fios encostados na parede, para fora, não era embutido. Aí, quando

a gente fez a reforma do quarto e do banheiro, a gente estava pensando em fazer a sala também. Mas não deu o dinheiro. Então a única coisa que a gente mexeu foi a iluminação. Não tinha tomada nessas paredes, (risos) não tinha tomada. A cozinha tinha uma parede aqui, para separar, tipo área de serviço. Aí, ela mandou quebrar.

Neide – Na área não entrava nada. Só tinha o tanque, não cabia uma máquina de lavar... Tinha uma porta, que também abria para um lado que você não utilizava o canto. Agora, nessa reforma de janeiro, é que eu tirei, para poder ficar melhor.

Fernanda – Ainda hoje o varal fica do lado de fora da janela. Não tem como estender... A gente vive com a mão machucada, é um perigo... Antigamente, não tinha telhas embaixo da janela, aí dava para secar melhor a roupa, agora não. Então, dependendo da roupa, suja...

– *E tinha azulejo nas paredes do banheiro e da cozinha?*

Neide – Não! A casa toda era o mesmo tipo de parede.

Fernanda – A pia era de cimento... E o tanque também. A janela era padrão Cohab [pequenas janelas basculantes, com um único vidro, que só abrem parcialmente, para fora]... Então, a gente ficava desesperada, porque a casa era muito pequena..., e muito abafada, porque esse tipo de janela... não ventila.

Neide – É. Agora só restam duas, mas com fé em Deus vou trocar antes de vender...

– *Os apartamentos da Cohab são todos do tamanho desse?*

Neide – Tem três tipos de apartamento... O pequeno, que é este. O médio, que tem dois quartos mais uma sala pequeninha. E o grande é uma sala do tamanho dessa, com dois quartos e uma área de serviço do tamanho da cozinha...

Fernanda – O pequeno e o médio são do mesmo tamanho, só que a disposição é diferente. A sala aqui é comprida, né? Tanto que a gente faz a metade dela de quarto, as camas estão aí, e tal... A sala do médio se transforma em sala pequena... Para ter um quarto a mais. E o grande é maior, e a cozinha não fica perto da entrada. É um apartamento mais bonitinho. Aqui, não. É uma coisa de louco. (risos) É muito estranha a forma com que eles dividiram o apartamento, não sei quem foi que teve essa ideia...

– *E nesse prédio só tem apartamentos desse tamanho?*

Fernanda – Só, o estilo da Cohab é o seguinte: para saber qual é o tipo de apartamento, eles pintam as laterais... É que nosso prédio é totalmente desorganizado, está com a pintura original... Se você for ver, a lateral dele é verde... Quer dizer, não é mais, já está... pichada. (risos) Os verdes são os apartamentos pequenos, e os médios e grandes são vermelhos. E você diferencia o médio e o grande pela janela do banheiro... Você vê que o nosso banheiro não tem janela para a rua. A nossa janela dá para a cozinha. E nos grandes, é para fora... Mas o tamanho dos prédios por fora é o mesmo, só muda o número de apartamentos. São quarenta apartamentos no grande. No médio e no pequeno são sessenta. Já o número de moradores... Porque só de filho, de parente, de duas famílias que moram no mesmo apartamento... Aqui em casa mesmo tem duas famílias morando juntas...

Neide – É... Eu estou com uma amiga de Pernambuco, desde fevereiro... Antes de acabar a reforma, ela entrou, veio para cá para resolver uns problemas. Quando ela vem, eu ponho um deles para dormir no sofá-cama... E ela dorme na cama, porque é visita, uma senhora. Você vê: já é difícil para cinco pessoas. Eu, com seis pessoas aqui...

Fernanda – E minha avó vem para cá também, para resolver problemas. (pausa) Eu fico chateada que... a gente fica querendo que os parentes venham, e quando vêm, fica muita gente, é um desespero... Tem pessoas que não querem voltar, porque acham que a casa é muito pequena, não se sentem à vontade...

Neide – Na verdade, eu sou a única pobre da família, né? Porque eles tiveram mais... sorte, mais condição do que eu. Então, todos moram em casa grande!

Fernanda – Casa grande não significa riqueza, viu?

Neide – Eu não gosto de casa grande! Mas também essa está pequena demais para a gente. Mas toda minha família mora em casa grande. Então, quando eles vêm aqui, fica a impressão que eles..., sabe? Eu sei que eles não se sentem bem... Eu gostaria que eles viessem mais vezes... É muito difícil alguém vir me visitar.

Fernanda – A gente adora, né? Pena que a visita não vem...

Neide – Mas hoje, eu não tenho muita vontade de sair daqui. Eu só quero ir para um apartamento maior... Que eu tenho vontade, sim. E para que meus filhos não cheguem muito tarde em casa. Eu tenho vontade mais por isso. Para que eles fiquem perto de tudo e eu possa estar menos preocupada.

da. Porque hoje... está uma maravilha, minha filha! Tudo você acha, tudo tem. É só ter dinheiro para pagar mais, né? Porque bairro de pobre é mais caro, você sabe, né? Não é mais barato! Em bairro de pobre, é tudo mais caro! Porque as pessoas estão vendendo para sobreviver! Então, desde que você pague mais... Agora, tem de tudo! Mas nós ficamos anos sem ter as coisas... Nós fazíamos compra na avenida Rebouças... E vinha com os pacotes no ônibus. Se era para gastar condução, então a gente já vinha de lá com as coisas! E tinha que trazer tudo mesmo! Porque não achava nada aqui! A única coisa que achava era pinga! Do contrário... Tinha que ir longe buscar... Hoje, você paga mais caro... Só que eu, como sou exigente, não vou ficar dando dinheiro! Tudo bem que eles precisam, mas eu já aprendi, faço minha compra onde é mais barato.

*“É um descaso total”*

Fernanda – Teve um tempo em que toda semana mudava gente daqui. Acho que o pessoal não aguentava... Ficava com medo... Até porque já veio bala perdida aqui dentro de casa.

– *Aqui dentro?*

Fernanda – Aqui dentro... É... Atravessou a janela e foi na outra parede, onde era o beliche do meu irmão. Isso há uns dez, doze anos, mais ou menos.

Neide – Era muito violento... Chegou dia de eu ter que ficar trancada dentro do banheiro com eles, que é o único lugar que não passa parede [com ligação para a rua, ou seja, todas as paredes do banheiro são internas]. Já chegou a ficar essa escada tomada de... vagabundo com metralhadora! Agora está bem mais calmo... Está mais tranquilo...

– *E tem polícia aqui? Posto policial...*

Fernanda – Agora tem, porque antes não tinha.

– *E como é a relação da polícia com os moradores daqui?*

Fernanda – É um descaso total... Dá a impressão de que, assim: “Não tem jeito, já foi tomado por bandido... Não temos nada a ver com isso”. Porque não tem estrutura suficientemente forte para que a polícia trate de tanta gente. É uma população muito grande num espaço muito pequeno. É um acúmulo de gente... Então, eles não tomam conta. Agora que começou a ter *blitz* direto. Mas, por muitos anos, o pessoal tirava a pouca iluminação que tinha para fazer de tudo, trâfico, inclusive estupro. Não tem mais, mas tinha...

– *Não tinha iluminação na rua ou sempre teve?*

Fernanda – Quando a gente veio não tinha. (pausa) Outra coisa é que toda estrutura dos prédios foi mudada. Não existiam garagens. Não era para os carros estarem aqui dentro.

– *Foram os próprios moradores que pagaram e fizeram?*

Fernanda – Que inclusive não pagaram... Esse espaço é coletivo... E foi individualizado. Muitos moradores vendem o apartamento com garagem. Sendo que seu é só o apartamento, e não o espaço coletivo do prédio.

– *Eu não sei se vocês querem fazer algum comentário antes da gente encerrar...*

Neide – São muitas histórias, não é, Lygia? Principalmente da gente que vive e que sempre viveu com grandes dificuldades... Então, é dificuldade de... arrumar emprego, dificuldade de... conseguir uma boa escola, como foi a minha luta, né? A minha dificuldade foi muito grande. Eu bati em muita porta, muitas portas eu bati... E não conseguia...

Fernanda – São essas coisas... Muita dificuldade, mas... Enfim... Eu acho que valeu a pena. Que nem eu falo: “Nossa, eu sou novinha, mas já vivi bastante”... (risos)

Neide – A gente tem muita história. Se não, a vida não teria graça, né?

Entrevistadora: Lygia de Sousa Viégas